



**8º Simposio de Ensino de Graduação**

**A TRANSFERÊNCIA DE JOGADORES DE FUTEBOL BRASILEIROS PARA A EUROPA**

**Autor(es)**

---

MARIELEN SANTAROSA

**Orientador(es)**

---

ACÁCIA DE FÁTIMA VENTURA

**1. Introdução**

---

Dentre os brasileiros que residem em terras estrangeiras, os jogadores de futebol que emigram representam o maior impacto simbólico no Brasil e no exterior, sobretudo na Europa. São cerca de cinco mil atletas profissionais que atuam em clubes de futebol internacional.

O presente artigo visa abordar os processos migratórios desses jogadores rumo a uma carreira em territórios europeus, buscando compreender sua real motivação.

O texto foi elaborado na disciplina de Psicologia como critério de avaliação, fazendo-se uma análise interdisciplinar da relação entre o “comércio internacional” dos jogadores, e seus efeitos na vida social, baseada em pesquisas em artigos acadêmicos, com orientações em sala de aula.

**2. Objetivos**

---

Discutir a transformação de jogadores de futebol brasileiros em produtos no mercado das transferências internacionais para clubes europeus, buscando compreender se há perda da identidade nacional dos atletas, bem como as dificuldades no que se refere à conciliação das carreiras nacional e internacional.

**3. Desenvolvimento**

---

O êxodo de jogadores brasileiros para o exterior sempre causou receio por parte da mídia, devido ao seu crescimento nas últimas décadas. Essa aceleração deu-se em virtude de mudanças na legislação européia, através do decreto conhecido como Bosman, estabelecendo que todo jogador pertencente à União Européia poderia atuar em qualquer país-membro sem ser considerado estrangeiro. Como as restrições ao limite de jogadores estrangeiros por clube não eram mais atribuídas a esses atletas, agora denominados de “comunitários”, foram geradas oportunidades aos “extracomunitários”, causando rápido crescimento nas contratações de sul-americanos por instituições européias (RIAL, acesso em 24/09/09).

No Brasil, a Lei Pelé de 1998 instituiu ao jogador o direito de controlar sua força de trabalho, com o direito de escolher em qual clube

deseja atuar e decidir ser ou não transferido para outros times, favorecendo a livre circulação de jogadores nos clubes nacionais e internacionais (RIAL, acesso em 24/09/09).

Mesmo que o fluxo migratório seja pouco relevante, nos veículos de comunicação se torna notório: as transferências de jogadores para o exterior são anunciadas pela imprensa bem antes de ser concretizadas, e o processo é registrado oficialmente pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF, acesso em 11/10/09).

Apesar de a FIFA proibir transferências de menores de 18 anos, existem subterfúgios que driblam a regra, como a contratação fictícia do pai do atleta por um dos patrocinadores do clube. Assim a família se transfere para o exterior e o pai recebe o salário que seria do filho, mas que a lei impede que seja pago (COURA, acesso em 30/09/09). Alvito (acesso em 24/10/09) resalta que a estratégia é uma maneira de burlar o Estatuto da Criança e do Adolescente, que proíbe vínculos empregatícios antes dos 14 anos de idade.

O ingresso no mundo futebolístico se dá de diversas maneiras, como apresentações dos jogadores para seleções organizadas por clubes ou a observação por um especialista em detectar talentos (olheiro), que conhece representantes de um clube (RIAL, acesso em 24/09/09).

Atraídos pelo lucro e baixo custo, investidores de variados setores têm feito suas apostas, como o grupo de supermercados Sonda e a empresa SEM Sigma Pharma, que juntos detêm direitos sobre futuras vendas de mais de cem jogadores. Esse modelo de negócio surgiu quando o título de propriedade de um jogador, o passe, que pertencia ao clube foi abolido pela Lei Pelé. Numa operação similar à divisão de capital entre acionistas de uma empresa, os times endividados começaram a vender percentuais do valor de venda futura de seus atletas a essas empresas (COURA, acesso em 30/09/09).

Os clubes internacionais buscam jogadores cada vez mais jovens antes mesmo que sejam conhecidos nacionalmente e acabam prejudicando os times brasileiros que investem em jogadores que não retornam o esperado, justamente por atuarem cedo no futebol estrangeiro. Os campeonatos da categoria de base e o próprio campeonato brasileiro são vitrines para os principais jogadores em suas categorias (RIAL, acesso em 24/09/09).

Existem clubes de futebol artificiais, cujo objetivo é descobrir talentos, treiná-los e servir de vitrine para os jogadores, valorizando-os comercialmente para negociá-los com clubes europeus. O futebol deixou o ramo esportivo para ingressar no econômico, com atividades de compra, venda e hipotecas: o clube português Benfica ofereceu alguns jogadores como garantia do pagamento da dívida da construção de seu estádio (ALVITO, acesso em 24/10/09). Os jogadores são força de trabalho e ao mesmo tempo, mercadoria: circulam pelo mundo como objetos de compra e venda, e concentram trabalho de outros em si, gerando lucro a terceiros (RIAL, acesso em 24/09/09).

Em sua pesquisa com cerca de 40 jogadores de futebol que atuam ou atuaram em clubes no exterior, Rial (acesso em 24/09/09) constatou que existe relação entre a carreira e o projeto familiar brasileiro. A profissão não é tão desenvolvida nas camadas sociais dominantes devido à cultura brasileira, e também não ocorre com frequência na parcela considerada miserável, pois a preparação do jovem envolve gastos, exigindo certo excedente econômico. Em sua maioria, os jogadores provêm de famílias das camadas subalternas, onde os filhos mais velhos trabalham para auxiliar nas despesas da casa, e os caçulas têm a oportunidade de se dedicar ao futebol profissional, contando com o apoio familiar, tendência denominada “caçulismo” (RIAL, acesso em 24/09/09).

Para Ferreira (acesso em 24/10/09), as crianças se esforçam para realizar os sonhos de casa própria, conforto e bens materiais através do futebol, pois são estimuladas por suas famílias a ver o esporte como única oportunidade de ascensão social. A independência financeira proporcionada ao jogador e sua família é um dos fatores decisivos para sua permanência no exterior, mesmo que para alguns isso implique na perda da identidade nacional (RIBEIRO, acesso em 04/10/09).

Os jogadores de clubes brasileiros sofrem com o atraso de seus pagamentos, devido às dívidas contraídas pelos times. Desta forma, a transferência dos mesmos para o exterior causa benefícios ao jogador, que recebe um salário maior e pontualmente, e ao clube brasileiro, que equilibra seu orçamento com o dinheiro da “exportação”, embora afete a renda das bilheterias com a ausência dos melhores jogadores (ALVITO, acesso em 24/10/09).

O gosto e consumo dos jogadores brasileiros na Europa refletem seu estilo de vida e consciência de pertencimento nacional, não apenas a ostentação da classe social a que estão inseridos, de milionários. Seus hábitos de consumo na verdade se assemelham aos da classe média alta, o que pode ser evidenciado pela preferência dos atletas pela comida e música brasileira e visitas ao Brasil durante as férias, além da audiência intensa à TV Globo Internacional. Com estas práticas, os jogadores mantêm e reafirmam sua brasilidade, mesmo que de forma imaginária através de suas práticas cotidianas, marcando fronteiras com os países em que vivem. Mesmo estando em um país estrangeiro, os jogadores continuam vivendo no Brasil, tanto no plano da imaginação quanto no econômico, pois mantêm bens e famílias no Brasil. Nesse sentido são transmigrantes, pois mesmo depois de nacionalizados, continuam a se ver como brasileiros e a pensar o futuro como sendo o Brasil. Essa nacionalização não implica em desnacionalização ou renacionalização, pois eles estão apenas de passagem, sua referência de fronteira simbólica não é a nacional/local, mas a clubística: eles vivem em zonas e bolhas institucionais que os protegem e controlam, mediando suas relações com o mundo exterior. Assim cruzam fronteiras geográficas sem entrarem em países, pois suas fronteiras são os clubes. Nacionalizam-se sem mudar de identidade nacional (RIAL, acesso em 24/09/09).

Apesar de seus esforços, tais jogadores são considerados estrangeiros, principalmente quando se trata da convocação para a seleção do Brasil, onde a mídia classifica dois tipos de jogadores: os brasileiros, que atuam em times nacionais, e os estrangeiros, que dependem da liberação de seus clubes no exterior, devendo ser convocados com antecedência (RIBEIRO, acesso em 04/10/09).

Por outro lado, existem jogadores que adquirem nova nacionalidade para atuar em seleções nacionais estrangeiras, e são impedidos pelo regulamento da FIFA de vestir a camisa de outra seleção durante a carreira esportiva, mesmo que seja de seu país de origem. Esta regra pode gerar confusão da identidade nacional, como ocorreu no episódio com Kuranyi, jogador da seleção alemã, que viveu no

Brasil até os 15 anos de idade: ele foi incapaz de comemorar seu gol pela Alemanha, explicando que ainda respeitava e amava o Brasil (RIBEIRO, acesso em 04/10/09).

#### 4. Resultado e Discussão

---

Em entrevista a Medeiros (acesso em 07/11/09) o brasileiro naturalizado português Anderson Luis de Souza, internacionalmente conhecido como Deco e ídolo da seleção de Portugal, admite que mesmo o tempo vivido no continente europeu, a conquista da nacionalidade portuguesa e as participações marcantes na seleção lusa não foram suficientes para esquecer sua terra natal. Ele diz sentir saudades da família e de amigos com quem conviveu na infância, passada em Indaiatuba, onde cresceu e participou das primeiras peladas de futebol. A cidade é tão querida que foi escolhida para abrigar o Instituto Deco 20, que atende crianças carentes com programas sócio-educativos e esportivos, local onde o jogador faz questão de estar quando visita o Brasil.

O jogador, que foi à Portugal com 17 anos pressionado pela empresa dona de seu passe, relata que sentiu dificuldades de adaptação no início, pois fora sem os pais e não se sentia maduro o suficiente. Mas contrariando as estatísticas, Deco afirma que quando jogou no Porto foi feliz, pois o clube tem um jeito diferente de tratar as pessoas, e os jogadores que passam por lá se tornam membros de uma grande família, além de haver ótima relação com a diretoria.

Segundo o jogador, desde os primeiros anos já o pediam para jogar na seleção portuguesa, inclusive o presidente da federação. E foi a campanha das pessoas e jornais que o comoveram para tomar a decisão, incentivada pelo então técnico de Portugal, Luiz Felipe Scolari, que o convocou em 2003 logo após sua naturalização. Foi uma difícil decisão, pois o sonho de jogar pela seleção brasileira continuava existindo. Mas sua vida tomou rumos diferentes dos que imaginava, pois fora para um país onde se sentia acolhido, feliz, e as pessoas pediam para que defendesse sua seleção.

Deco afirma que não deixou de ser brasileiro por se naturalizar português, e diz ter vontade de voltar para o Brasil pela família e os amigos que tem. Apesar de já estar a tanto tempo fora, entre todos os países pelos quais passou e as cidades onde viveu, o Brasil é o local onde se sente em casa.

#### 5. Considerações Finais

---

Atualmente não é possível estudar as transferências internacionais de jogadores sob a ótica do futebol, enquanto esporte, desvinculado dos interesses financeiros que o permeiam. A transformação dos clubes de futebol em empresas acarretou a rotulação dos jogadores profissionais como produtos, fazendo com que suas transferências ao exterior se assemelhem às exportações convencionais de mercadorias. Eles se tornam bens de capital, proporcionando lucro a terceiros que estão envolvidos em suas carreiras e são donos de suas “ações”.

A maioria dos jogadores sonha em atuar fora do Brasil, principalmente em instituições européias. Alguns sequer se importam em ser considerados pela mídia ou pela própria nação como objetos de compra e venda, desde que consigam alcançar seu real objetivo.

Porém, há jogadores como Deco, cuja entrevista apresentada acima afirma várias passagens deste artigo. Ele mantém sua identidade nacional através de visitas ao Brasil e sentimento de pertencimento ao país, apesar de naturalizado português. Através da criação do Instituto Deco 20, ele se comporta da mesma maneira que outros jogadores, que presenteiam a mãe com uma casa: é como se devolvesse para a família, a pátria mãe, todo o incentivo e carinho devotado em sua formação profissional.

Através das pesquisas realizadas e do confronto das informações com a entrevista concedida por Deco, conclui-se que a prática do futebol em clubes no exterior influi não apenas na esfera de vida profissional dos atletas. A carreira tem impactos na vida afetiva (causados pela distância da família), social (relacionada ao pertencimento nacional) e financeira (hábitos de consumo que reafirmam a nacionalidade), refletindo ainda nos resultados econômicos do país através das remessas unilaterais e dos lucros que tais “exportações” proporcionam.

Futuros estudos acerca do assunto podem identificar as principais dificuldades de adaptação de jogadores brasileiros na Europa, no que se refere à cultura e à reação dos europeus à presença desses atletas em seus clubes ou seleções, bem como os efeitos das transferências às famílias dos jogadores.

Outro aspecto a ser estudado é o sentimento de realização profissional dos jogadores, em confronto com a recompensa financeira geralmente elevada, principalmente dos naturalizados em outros países, que jogam em seleções estrangeiras e são impossibilitados de atuar na seleção brasileira, o que constitui um grande sonho para a maioria dos atletas.

## Referências Bibliográficas

---

ALVITO, Marcos. A parte que te cabe neste latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aso/n179/n179a07.pdf>. Acesso em: 24 out. 2009. 18h40.

CBF Transferências. Disponível em: <http://www.cbf.com.br/php/transferencias.php>. Acesso em: 11 out 2009. 23h35.

COURA, Kalleo. Chuteiras que valem ouro. Disponível em: [http://veja.abril.com.br/130509/p\\_076.shtml](http://veja.abril.com.br/130509/p_076.shtml). Acesso em: 30 set. 2009. 23h37.

FERREIRA, Heraldo Simões. Por que a Europa não produz Robinhos? Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd89/robinhos.htm>. Acesso: em 24 out. 2009. 18h30.

MEDEIROS, Paula. Deco. Disponível em: <http://www.revistabrasileiros.com.br/edicoes/25/textos/669/>. Acesso em: 07 nov. 2009. 15h38.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832008000200002&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832008000200002&script=sci_arttext&tlng=en). Acesso em: 24 set. 2009. 16h35.

RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcellos. Jogadores brasileiros em seleções do estrangeiro: a qual nação pertencem? Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd85/brasil.htm>. Acesso em: 04 out. 2009. 11h30.

RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcellos apud Maia, Mônica. Exportação de jogadores brasileiros motiva Pós-Doutorado na Escócia. Disponível em: [http://www.faperj.br/boletim\\_interna.phtml?obj\\_id=3689](http://www.faperj.br/boletim_interna.phtml?obj_id=3689). Acesso em: 15 nov. 2009. 15h40.